



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CLÉBER AUGUSTO GONÇALVES DIAS**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-344

**Entrevistado:** Cléber Augusto Gonçalves Dias

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Por Skype (Porto Alegre e Belo Horizonte)

**Entrevistadora:** Ivone Job

**Data da entrevista:** 29/04/2013

**Transcrição:** Ivone Job

**Copidesque e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner e Ivone Job

**Total de gravação:** 01h, 25min e 15s

**Páginas Digitadas:** 20

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento do entrevistado como editor da revista Pensar a Prática da UFG; Sua trajetória na revista; Procedimentos para o desenvolvimento das tarefas da equipe editorial; Opiniões e críticas sobre o sistema de avaliação das revistas; Trabalho dos avaliadores.

Porto Alegre, 29 de abril de 2013. Entrevista com Cléber Augusto Gonçalves Dias a cargo da pesquisadora Ivone Job para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.J. – Cleber, como chegou a ser editor da revista Pensar a Prática, como foi escolhido?

C.D. – Na verdade, assim que eu cheguei fui trabalhar na UFG<sup>1</sup>, assim que fiz o concurso, tomei posse e tal, o Ari<sup>2</sup>, o editor na época da revista, veio conversar comigo dizendo que precisava de ajuda; que tinha uma demanda crescente na revista e como ele tinha participado da minha banca, achava que eu tinha condições de colaborar e tudo. Perguntou se eu tinha interesse em colaborar. Ele me deu um tempo para pensar e, como eu tinha antes colaborado como editor de uma revista no Rio de Janeiro, que é a revista Recorde<sup>3</sup> em parceria com o Victor<sup>4</sup>... Já tinha uma experiência e então acabei aceitando. Na verdade foi assim: lá na UFG, e acho que é um pouco assim em outras instituições, a revista é um problema; ser editor da revista não é um cargo, é um encargo. E quando tem alguém que assume a responsabilidade, então, é ótimo, a gente [TRECHO INAUDÍVEL]... Acabei me envolvendo bastante, é muito trabalhoso, mas foi meio assim que começou, mas apesar disso eu gosto de fazer. Eu tenho aprendido muito com a revista, acho que tenho mais recebido do que oferecido. Você olha para o modo de funcionamento do campo acadêmico, de um ponto de vista totalmente privilegiado. Então, até a maneira que agora escrevo artigos mudou porque consigo muito mais facilmente me colocar do ponto de vista de quem está avaliando, é uma experiência muito bonita, eu gosto muito. Até os problemas que surgem, as dificuldades, a comunidade como um todo, a gente vai aprendendo. Estou querendo ver o resultado agora que a revista RBCE<sup>5</sup> vai organizar um dossiê e há duas possibilidades de trabalhar na revista de editor chefe e de editores de seção. Então eu comecei como editor de seção e aí depois de alguns meses fazendo isso, o Ari se afastou da revista e eu passei a ser editor da revista junto com a Ana Márcia Silva. Então estou assim até hoje.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Ari Lazzarotti Filho.

<sup>3</sup> Recorde: Revista de História do Esporte

<sup>4</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>5</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

I.J. – Há quanto tempo?

C.D. – Vai agora para quatro anos.

I.J. – Já estão pensando no futuro editor?

C.D. – Estamos pensando, inclusive, eu estou te telefonando de Belo Horizonte, não estou mais trabalhando na UFG porque me transferei recentemente para a UFMG<sup>6</sup>, mas assumi o compromisso com o grupo lá de Goiás, fico até final do ano com a Ana Márcia, que já está há quase cinco anos na função; está um pouco cansada e está pensando em ser substituída, a gente está pensando em alguém, inicialmente alguém que seja da universidade mesmo. Mas particularmente sou favorável inclusive que seja alguém de fora da universidade, de outra universidade. Mas a gente tá pensando. Recentemente entraram dois professores da UFG que passaram a ser editores de seção então muito provavelmente vai sair daí o próximo editor.

I.J. – Então, é escolhido por vocês? Pelo grupo de professores e editores?

C.D. – No momento é assim, a gente, o grupo de editores acaba convidando os professores da universidade.

I.J. – E quanto tempo tu achas que deveria ficar um editor?

C.D. – Em minha opinião, acho que é saudável que tenha um revezamento. Até conversava muito com a Ana Márcia quando estava lá em Goiânia, que é assim: quando sai um editor cria um lapso, primeiro porque o que sai tem toda uma experiência que o que está começando não vai ter. Não tem como, até porque você aprende a fazer fazendo, mas por outro lado eu acho bom para a revista porque a pessoa vai mudando naturalmente a política editorial e até os critérios na seleção dos artigos tende a ser sutilmente diferente; não vai fazer uma mudança revolucionária, mas, sutilmente vai ter uma diferença e é bom para a comunidade porque você amplia o número de pessoas que passa por esse processo formativo. Então, na minha opinião, o editor deveria ficar algo em torno de quatro anos é

de bom tamanho. Inclusive algumas revistas norte-americanas fazem isso, as sociedades de tempos em tempos lançam editais e o cara interessado se candidata.

I.J. – Se candidata, fazem uma seleção...

C.D. – Acho que quatro anos é bom, tem revistas que tem dono e não acho bom isso não.

I.J. – E quantas horas por dia ou por semana tu ficas trabalhando na revista?

C.D. – Horas assim não sei. O sistema eu acesso todo dia, mas não saberia te dizer quanto tempo, eu colocaria em torno de uma hora por dia. Depende muito da época, por exemplo, quando está próximo de lançar um número geralmente eu trabalho um pouco mais.

I.J. – O trabalho de vocês é remunerado?

C.D. – Não é remunerado, embora eu seja favorável à remuneração.

I.J. – Quanto ao escopo da revista Pensar a Prática como tiveram a ideia, era mais específica se tornou mais geral, porque escolherem esse título?

C.D. – Na verdade eu não participei desse processo, mas naturalmente trabalhando lá eu lembro dos editoriais mais antigos das pessoas que passaram lá, acabei um pouco sabendo. Na verdade a intenção era voltada à Educação Física escolar, por isso o nome, a prática; pensar a prática da Educação Física e, em particular, na escola. O primeiro número da revista exprime um pouco dessa preocupação, então, o nome vem daí da tentativa de promover uma reflexão teórica sobre a prática da Educação Física; e depois, num determinado momento, acho que por volta de 2006, 2007 a revista foi pouco a pouco tentando se enquadrar nos critérios de avaliação de dentro da CAPES, queria fazer parte do Qualis CAPES e aí teve que fazer uma série de mudanças. Nesse projeto, na época o Ari estava a frente dele, ele avaliou que a revista não estaria em condições de cumprir as exigências só sendo uma revista voltada ao campo das ciências humanas; era preciso ampliar um pouco o foco e receber mais artigos e o que conta nesse primeiro momento os

---

<sup>6</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

artigos que eram recebidos eram na tentativa de fazer possível [INAUDÍVEL].... Acabou tomando a decisão de fazer uma revista generalista e eu acho que foi ótimo e não vejo outra alternativa, na verdade.

I.J. – Aumentou o número de artigos na hora que mudou de escopo?

C.D. – É, eu acho menos por isso e mais pela melhora da avaliação Qualis CAPES, é uma relação direta. A gente preparou para esse dossiê da revista do CBCE, o número não tenho de cabeça, mas tem uma correlação direta na medida em que a revista vai B4 recebe 100 artigos por ano, vai para B3 ela recebe 200 e tantos, vai para B2 recebe 300 e tantos. Uma relação direta entre revista no Qualis CAPES e o número de artigos que ela recebe. Mas coincide com a mudança do escopo da revista. Progressivamente ela tem recebido cada vez mais, aumenta em média 20% ao ano.

I.J. – E a que atribui essas mudanças, além do *webqualis*. Pode-se dizer que há mais pesquisadores na área? Mais gente escrevendo?

C.D. – Acho que pode ser, além dessa coisa de ter melhorado o Qualis CAPES, tem uma mudança de comportamento na área. Acho que uma tem uma tendência maior de professores com uma quantidade maior de pesquisa no seu cotidiano. Naturalmente isso resulta numa quantidade maior de artigos e a própria pressão que ele sofre, existe uma pressão para que as pessoas publiquem cada vez mais, que resulta em mais artigos. Outro dado que me ocorreu agora falando contigo, que alguns programas de pós-graduação têm colocado a submissão de artigos a uma determinada revista como critério de avaliação. Então o aluno só pode defender a tese, a dissertação, depois que ele apresentar uma submissão de artigo. Tem alguns programas que vão além disso: tem colocado como critério nas disciplinas, então, ao término de uma disciplina ao invés de apresentar um trabalho como era de praxe, ele tem fazer com que esse trabalho seja submetido a uma revista. Isso tem feito aumentar muito o número de submissões e diga-se de passagem, de trabalhos que não seriam publicáveis; estudantes que estão começando e não tem experiência ainda, acho que é um fator que tem concorrido para esse aumento.

I.J. – E a equipe? Quem ajuda? Além dos editores de seções?

C.D. – Tem agora uma técnica administrativa: uma funcionária de carreira que trabalha na revista e está com toda parte administrativa, desde a emissão dos certificados para os avaliadores, acompanhamento de resposta para os autores, processo de diagramação da revista, tudo é ela que cuida. E agora recentemente, desde o começo deste ano, tem um novo técnico administrativo. A direção colocou à disposição da revista; tem, então, dois técnicos. Esse segundo técnico é formado em Letras e ele tem cuidado da parte de revisão dos artigos que vão ser publicados. Tem essas pessoas: editores chefes, editores de seção, esses técnicos administrativos, uma que cuida da secretaria da revista, ela faz uma primeira triagem dos artigos, verificação em relação ao número de caracteres, de formatação, cuida de toda parte administrativa e financiamento que a revista recebe, ela também cuida do dinheiro da revista...

I.J. – Ela trabalha o tempo todo na revista?

C.D. – É o todo tempo na revista. A única atribuição dela lá na faculdade é trabalhar na revista.

I.J. – E a revista funciona dentro da UFG ou vocês carregam dentro de um laptop?

C.D. – Não, agora tem uma salinha específica para a revista. A universidade lá tem uma linha de financiamento, um programa de apoio as editorações de revistas que todo ano temos recebido em torno de 13, 14 mil que a gente pode usar dentro daquilo que pode ser licitado e a gente tem pago serviço de revisão. No ano passado e outra vezes tem [INAUDÍVEL] comprado computadores, impressoras. Então tem uma sala com equipamentos e esses funcionários que ficam lá inclusive.

I.J. – E vocês fazem reuniões, se encontram?

C.D. – Ainda é um trabalho muito isolado. A gente faz reunião com todo grupo periodicamente, mas não é tão periodicamente quanto gostaríamos, três ou quatro vezes por ano.



I.J. – Tem bibliotecário no grupo?

C.D. – Não tem bibliotecário, inclusive é uma reivindicação para esse ano com o dinheiro que a gente recebe fosse usado pra contratar uma bibliotecária.

I.J. – Vocês dois, tu e a Ana Márcia que designam os avaliadores ou mandam para os editores de seção, como vocês fazem?

C.D. – Uma vez que os artigos estão designados para os editores de seção, toda a responsabilidade cabe a eles, tanto que, eles vão designar avaliadores, quanto tomar decisões. No fundo o que a gente, eu e a Ana Márcia, acabamos fazendo é coordenar esse processo, acompanhamento das designações quanto na decisão; tem vezes que, e eu sou partidário disso, que a tomada de decisão dos artigos tem que ser como os editores. Não é no sentido de concentrar, mas na elaboração dos sumários, para ver essa questão dos membros do conselho editorial, nessas coisas a gente acaba concentrando.

I.J. – Quanto ao conselho editorial, como é o trabalho deles? Eles acompanham, sugerem políticas, vocês têm se encontrado?

C.D. – Atualmente nosso conselho editorial está inativo, não é proativo, mas também por culpa nossa porque as pessoas em geral se mostram disponíveis, mas a gente tem demandado pouco deles; então na prática, atualmente, não temos demandado. Como mobilizar esse grupo? Eu acho que uma coisa que seria bom fazer para revista, por exemplo, é tentar divulgar para fora do país, é bom para comunidade ter esse laço mais estreito com pessoas de outro lugar; e a revista cumpre um papel importante, então acho que uma coisa que poderiam, deveriam fazer.

I.J. – Como vocês fazem o sumário, quem decide, tem algum critério, por exemplo, quais artigos vão entrar, quem faz isso?

C.D. – Geralmente são dois critérios que a gente usa que é: o tempo, quanto maior o tempo que estiver na fila... Hoje a fila está bem grande, às vezes, espera um ano para ser publicado depois de aprovado. E o segundo critério é tentar equilibrar, cuidar um pouco

essa preocupação da endogenia regional; não podem ser muitos autores da mesma região, e se determinado autor já publicou no último número, a gente passa para o próximo número, passa para frente. Basicamente têm esses dois critérios: observando o tempo e também distribuição de tipos de artigos. Por exemplo: os ensaios a gente tem um teto, publica no máximo dois ou no máximo três, quando têm muitos ensaios a gente vai empurrando para frente. A gente vai alertando aos editores de seção: olha tem muitos ensaios, podem ser mais rigorosos

I.J. – Então vocês têm artigos aprovados sobrando?

C.D. – A gente tem um estoque, hoje está em torno de uns 50 agora.

I.J. – Vocês conseguem manter a periodicidade regular?

C.D. – Temos conseguido, graças ao apoio desses funcionários. Eu noto que é um esforço muito pessoal para gente poder manter isso, não tem muitas condições, é meio na garra e isso é uma coisa que eu acho horrível; tem que profissionalizar, não é possível, você não pode querer que o desenvolvimento acadêmico de uma área dependa do empenho pessoal de meia dúzia de pessoas.

I.J. – Tu não teve na fase da revista impressa, não é? Então não sabe o que se alterou quando ficou eletrônica?

C.D. – Não tive a experiência da impressa, mas ouço dizer que era horrível, que era ainda mais trabalhoso, quase outra revista, com o agravante de ficar dependendo do trabalho de outros.

I.J. – A revista tem DOI<sup>7</sup>?

C.D. – Tem, faz tempo. Na verdade a universidade comprou, não para todas as revistas, só para aquelas mais consideravam as estratégicas. E também isso é uma complicação porque oferece, mas não funciona como deveria. Só para você ter uma ideia, a gente tem que

publicar todos os artigos sem o DOI e a biblioteca central coloca o DOI e a gente publica outra vez. Na verdade a gente tem publicar duas vezes, os pdf são colocados *online* duas vezes. A gente tem reclamado com a Biblioteca central, mas eles também têm problemas com de funcionários, quem faz é um estagiária [INAUDÍVEL]

I.J. – Como vocês escolhem os membros do conselho editorial?

C.D. – Quando eu entrei lá já tinha um conselho editorial e eu acho que eles foram escolhendo por pessoas que tem certa liderança, e também tinham relações com o grupo de Goiás. Mas agora nessa renovação, a gente está pensando em pessoas de fato com representatividade científica, que sejam reconhecidamente lideranças de determinados campos de estudo. Acho que nosso conselho editorial está muito concentrado nas áreas humanas e nas áreas biomédicas está pouco representada e os membros do conselho editorial possam cumprir a diversidade dos artigos que a gente acaba recebendo, que vai desde a Educação Física escolar passando pela biomecânica.

I.J. – Há alguma forma de auditoria, de auto-avaliação por parte dos leitores, vocês fazem uma avaliação?

C.D. – De tempos em tempos eu vou apresentando, tanto para a Ana Márcia quanto para editores de seção, o cenário da revista, os tipos de problemas que temos enfrentado, tipos de reclamações... Quem mais reclama geralmente são os autores, os revisores não dão *feedback*, mas também a gente não pede, tem esses dois lados..

I.J. – Usam estatísticas?

C.D. – Sim com índices de rejeição, de submissões, aliás, uso até mais números do que reclamações, na verdade..

I.J. – Então tu fazes uma avaliação da revista?

---

<sup>7</sup> Digital Object Identifier, número internacional codificado para identificação de artigos.

C.D. – A gente mesmo faz, mas não tem pessoa externa da revista, não temos recebido esse tipo de comentário, nem avaliadores, nem os autores. São mais reclamações dos autores mesmo, porque os pareceres estão demorando... A gente sabe que tem muitos avaliadores por vários motivos, por pressa, que acabam oferecendo pareceres não muito bem consubstanciados e a gente está tentando não aceitar esses pareceres. Demora mais, tem que pedir para outra pessoa.

I.J. – Quando acontece isso, manda para outro avaliador?

C.D. – Tem que mandar para outro.

I.J. – E na hora de designar os avaliadores, os editores de seção mandam para um, depois pra outro...

C.D. – Se possível, manda para os dois ao mesmo tempo; mas agora com volume muito grande de artigos, se manda primeiro para um, se precisar manda para outro. Se um mandar e vem com muitas críticas, a gente nem manda pra outro, já rejeita.

I.J. – Como é financiada a revista?

C.D. – Com a verba da faculdade, uma parte pequena, menos de 10% dos custos da revista e, o grosso mesmo, quem paga é a universidade, que entra com esse programa que eu falei pra você. Se chama PROAPUPEC<sup>8</sup>, é um programa de financiamento.

I.J. – E vocês não têm do Ministério do Esporte?

C.D. – Já tivemos num outro momento, durante dois anos, na época em que tinha a tradução dos artigos a Ana Márcia conseguiu essa verba.

I.J. – Vocês cobram dos autores?

---

<sup>8</sup> Programa de apoio às publicações periódicas científicas da UFG

C.D. – Ainda não. Eu acho que é meio inevitável a médio prazo e acho que vai ser bom porque vai inibir essas submissões sem pé nem cabeça. Atualmente é muito fácil para a pessoa submeter um artigo para revista; não dá trabalho nenhum para ela, mandam qualquer coisa, mas para o editor e quem vai fazer essa primeira triagem, vai dar trabalho. Então, tem que ter uma trava de segurança que aí avisa para os autores: olha tem um mínimo de compromisso... Quando o cara não paga nada, literalmente para ele não custa nada. Sou favorável à cobrança, a gente está amadurecendo nesta direção; alguns pensam que torna a revista uma mercadoria qualquer, mas tem custo, se não paga na entrada você paga na saída.

I.J. – Alguém paga...

C.D. – Alguém paga. O governo federal paga milhões para a gente acessar o Portal da Capes e ninguém fala, pelo contrário, foi um dos mais bem sucedidos empreendimentos do governo. Você não paga para submeter, mas paga pra ler, e o acesso é gratuito mas acho que tem pagar a submissão.

I.J. – Os projetos gráficos, a capa da revista é tudo com vocês essa equipe?

C.D. – É essa parte de arte é particular com a funcionária da revista, a capa inclusive, ela é formada a alguma coisa ligada a isso e ela gosta de fazer.

I.J. – Existe grau mínimo exigido, dos autores, por exemplo, só pode ser doutor para submeter?

C.D. – Não isso não tem, eu nem sabia que tem alguma revista que faz isso, tem?

I.J. – Não da Educação Física não, mas de outras áreas sim.

C.D. – Não temos essa exigência.

I.J. – Como são os autores, respeitam as normas? O que vocês fazem?

C.D. – Terríveis... Pela herança da revista os artigos que estavam muito fora, os que não tinham nada a ver com as normas da revista; chega artigo que parece que o cara não leu. Não fez nem esforço para adequar. Acontece mesmo. Então até um determinado momento voltava para o autor. E tem todo um processo da revista que é pedagógico, tem todo um trabalho, sobretudo do Ari que tem essa compreensão e devolve para o autor para mudar, se adequar. Isso não tem dado resultado e os autores continuam mandando coisa sem pé nem cabeça, totalmente fora. A norma é Times New Roman ele usa Arial; os caracteres são com tal espaço ele manda sem, os resumos totalmente fora. Então em função da falta de resultado, em função de certa impaciência com esses erros, sou de opinião que tem que rejeitar, eu acho que vai ser muito mais educativo trabalhar com a punição.

I.J. – E a parte da divulgação da revista? Como fazem?

C.D. – Não tem muito assim de divulgação. A gente tem algumas revistas impressas que sobraram, então, eventualmente num evento, mais os editores, a gente leva algumas, mas não se faz um trabalho de divulgação. Talvez seja o único que ainda tem é o anúncio de que o novo número foi publicado para a lista de leitores da revista. Mas a gente faz para um recrutamento de autores para fora do país, professores dos Estados Unidos, Portugal...

I.J. – Quando vocês viajam?

C.D. – Viagem também, mas mais por e-mail, quando precisa artigo, [INAUDÍVEL] para mobilizar a comunidade da Espanha e de outros, é um mecanismo mais pelos editores, a Ana MÁrcia tem muito contato com a Espanha, sempre consegue de algum autor um trabalho. Eu, eventualmente usando a cara de pau que só os cariocas têm, quando vem alguém dos Estados Unidos, da Inglaterra, vou lá. Traduzimos alguns artigos recentemente.

I.J. – Vocês estão no Portal da Capes?

C.D. – Estamos

I.J. – E em quais bases?

C.D. – No Sport Discus, no Latindex, e no Lilacs

I.J. – Vocês já tentaram mandar para outros indexadores?

C.D. – Tentamos mandar recentemente de uma maneira bastante [INAUDÍVEL] para o Scopus e naturalmente foi rejeitado, já esperávamos ser rejeitado.

I.J. – Qual o motivo?

C.D. – Eles na verdade não justificaram muito, basicamente disseram que a revista tinha uma abrangência muito nacional. Aí inclusive nossa preocupação de estar tentando conseguir artigos de fora do país, a avaliação do *Scopus* fez a gente pensar um pouco. Tem uma coisa hoje entre nós que parece que todas as revistas têm que ser A1, todas as revistas tem que estar na *Web of Science*, mas eu tenho minhas dúvidas. Eu acho que tem que ter algumas revistas que participam [INAUDÍVEL]. Honestamente não sei se a *Pensar a Prática* teria que fazer um esforço para entrar nessas bases de dados. Na realidade, pensando de uma maneira mais profunda sobre as bases de dados, eu te diria que hoje, me pergunto qual é o papel de uma revista como *Pensar a Prática* nas atividades de pesquisa no âmbito da Educação Física? Que papel tem que cumprir? Eu não sei se todas as revistas tem que publicar os melhores artigos. Acho que tem que ter revista com outros papéis, para quem está começando para pesquisas mais de fundamentação menos consistentes ou, por exemplo, esse pessoal que está começando. Eles também precisam passar por esse processo; se escrever e mandar para a *Movimento* tem pouca chance pois a pesquisa às vezes não está totalmente pronta, não tem maturidade. Então tenho me perguntado isso: qual é o papel que uma revista como *Pensar a Prática* tem que cumprir? Veio um professor nesses dias de outro lugar querendo lançar mais uma revista, pedindo ajuda, a gente se coloca à disposição, mas eu sempre digo, não faça isso. Nós temos revistas demais, é uma dispersão muito grande de artigos, não temos comunidade para isso. Na verdade não temos capacidade pra gerar um volume muito grande. Essas bases de dados que falei primeiro, tem que trabalhar quais revistas entram. Acho que vale a pena entrar na Scielo porque é tecnologia nossa, controlada por um grupo de brasileiros, tem todos os padrões de exigências de indexadores internacionais, produz contagem de citações, eu acho totalmente, aliás foi uma das coisas que a gente colocou no dossiê da RBCE, essa

subserviência que o Brasil tem o costume, de que tudo que é estrangeiro é melhor; essa vassalagem intelectual de que a *Web of Science* é melhor do que o Scielo, tratar o Scielo como se fosse um pouquinho melhor que o Lilacs e não é assim, é uma base excelente, tem muitas revistas brasileiras é enorme só a *Scopus* talvez tenha mais que Scielo, nem tenho certeza se tem.

I.J. – A respeito do inglês, devemos publicar em inglês, como vê esta questão?

C.D. – É, inclusive temos uma revista na Educação Física, eu recebi, se trocou alguns e-mails em listas, debatendo o assunto, muito acalorado inclusive. A *Pensar a Prática* recebe artigos em vários idiomas: inglês, espanhol, francês, português, está disponível, na prática não recebe. Eu acho inclusive que nós não deveríamos receber, é radicalizar, só receber em português. No primeiro número do ano passado de 2012 quando a *Pensar a Prática* completou 15 anos a gente fez um dossiê sobre práticas corporais e culturas tradicionais e a gente publicou artigos de pessoas de fora do país, do Canadá, Nova Zelândia, Austrália, vários lugares, mas traduzimos, publicamos em português. Eu acho que com relação à *Motriz*, eu acho bom ter um *Brazilian Journal*, uma revista que publique só em inglês. Eu acho que a finalidade da *Motriz* com isso é muito menos receber artigos de pessoas de fora do Brasil e muito mais tornar legível as pesquisas feitas no Brasil. Acho pouco provável que um autor inglês em si e voluntariamente, espontaneamente mande um artigo para a *Motriz*, muito pouco provável. É interessante por um lado ter uma revista que cumpra esse papel, de intermediar a comunidade nacional com a comunidade internacional. Agora não acho que tem que ser generalizado, a moda não deve pegar, não seria bom, sobretudo para quem trabalha com ciências humanas, especificamente a questão da língua, do idioma ela é muito forte. Porque a língua não é só um canal de expressão do pensamento, ela é também um canal de estruturação do próprio pensamento, porque é assim, eu não me comunico em português, eu penso em português, é diferente, então, eu acho que tem que ter um limite para isso. A gente não pode se isolar, é bom ter em contato com a comunidade internacional. Quando a gente fala internacional, a gente fala língua inglesa, que na prática é Estados Unidos, Inglaterra. É bom estar em contato com a comunidade estrangeira, mas ao mesmo tempo a gente não pode se submeter acriticamente. Não pode se isolar, mas não pode abrir mão de algumas coisas, por exemplo, da língua. Outra coisa que eu penso também que quando se fala em internacionalização, se fala muito pouco em América



Latina, ninguém fala, vamos publicar numa revista do México. É Estados Unidos, Inglaterra, eventualmente França. Agora, português, espanhol, Argentina a gente não [INAUDÍVEL].

I.J. – O que tu pensas sobre a atual forma de avaliação do Qualis da Capes e dos outros índices que avaliam como a *Web o Science*?

C.D. – Eu acho totalmente inadequado, não atende as necessidades da comunidade brasileira. Não sei se você viu recentemente foi publicado um estudo dizendo que nos últimos 10 anos o Brasil melhorou em relação à quantidade de artigos nesses indicadores aí, sobretudo na *Web of Science*, mas no mesmo período, ele piorou na sua capacidade de gerar citações.

I.J. – Isso mesmo, escreve mas não é lembrado.

C.D. – Não é citado, não é relevante. Para mim é a expressão de que as avaliações não tem sido positiva. Ao contrário, tem sido nociva porque os pesquisadores se veem na necessidade de publicar uma quantidade de artigos maior comprometendo o potencial que poderia ter num trabalho feito com mais calma, mais paciência, mais tempo pra poder escrever artigos relevantes. Tem outro dado que uma vez um pesquisador da Educação Física fez. Ele usou uma expressão que achei bem interessante, *tamanduá olímpico*, ele comparou os pesquisadores de Medicina daqui mais produtivos com os vencedores do Prêmio Nobel da Medicina. Eles produziam 10 vezes mais talvez por isso não ganharam o Prêmio Nobel. Aqui, estão tão preocupados com número que não podem produzir algo de qualidade. Acho que essa classificação da Capes tem sido muito pernicioso para a ciência nacional. Até certo ponto ela foi boa, porque ela fez com que certos pesquisadores se envolvessem com a produção de conhecimento, se incorporaram à pesquisa no cotidiano e colocaram o compromisso de não só fazer a pesquisa, mas torná-la pública, publicar os resultados das pesquisas. Mas foi bom até certo ponto, daí pra frente tem que se preocupar com a qualidade, os critérios de natureza quantitativa, sobretudo esses estrangeirismos, do Bradford que disse que o centro da produção mundial se concentra em 20%, totalmente questionável, então aceitar isso é patético, uma expressão de um certo colonialismo intelectual.

I.J. – Voltando ao processo de arbitragem, vocês oferecem alguma forma de reconhecimento aos avaliadores, vocês publicam o nome deles?

C.D. – No ano passado alguns revisores reclamavam, porque tem lá na revista os nomes dos editores, de quem participa do conselho editorial e também dos avaliadores. Mas aquilo estava desatualizado, quem efetivamente contribuía não se sabia, então, algumas pessoas começaram a reclamar... A gente pensou em publicar anualmente as pessoas que fizeram a revisão dos artigos. Isso tem funcionado mais ou menos, mas não tem funcionado muito. Outra coisa é emitir uma declaração quando pedem; quem fez o parecer, pede uma declaração. O pessoal da parte administrativa providencia isso, emite uma declaração. Mas tem um problema que é o seguinte: às vezes a gente apela para que está fazendo doutorado, não são doutores, a gente pede para fazer, só que a gente fica constrangido de publicar porque tem que ter nível de doutor, embora a gente saiba que esses mecanismos de avaliação de indexadores não veriam isso com bons olhos por isso. Então, um pouco para acatar esses critérios a gente não se publica. Inclusive acho que é outra coisa patética porque essa é a realidade da revista, não adianta querer tapar o sol com a peneira.

I.J. – E os avaliadores não recebem? E o que tu achas se fossem pagos?

C.D. – Eu acho que seria ótimo, seria uma outra maneira de qualificar o processo. Como eles fazem voluntariamente não dá pra reclamar de parecer ruim, então, além de voluntário vai reclamar? Não dá, mas se a gente cobrasse, poderia pagar. Mesmo que fosse um valor totalmente simbólico, cem reais, para fazer um parecer, mas aí haveria um comprometimento maior por parte dos avaliadores. Outra coisa que a gente tem que pensar é a possibilidade de não mais ser duplo cego. Alguma revista no Brasil de Educação Física deveria fazer essa experiência: fazer avaliações públicas, saber quem está avaliando o artigo delas e os autores também saberem quem foi que avaliou. Acho que seria bem interessante, mesmo porque isso inibiria algumas más práticas que acontecem no processo avaliativo. Palavras desrespeitosas dos avaliadores, reclamações dos autores querendo desqualificar o parecer. Isso seria interessante ver acontecer, mesmo porque fico pensando que seriam mais responsáveis, poxa se soubessem quem é nem fariam.

I.J. – Vocês usam algum tipo de formulário para os pareceristas ou é de livre formato?

C. D. – É livre formato, a gente fornece as diretrizes, conjunto de seis ou sete questões bem objetivas para tentar orientar sobre que ponto de vista ele deve avaliar o artigo .

I.J. – Já pensaram alguma forma de dar a conhecer ao avaliador o resultado final do artigo?

C. D. – Não é uma política da revista mas eu, individualmente, sempre que o artigo recebe dois pareceres, eu mando uma cópia oculta para os dois revisores, para que eles saibam a decisão, porque às vezes a decisão contraria o que eles avaliaram para que eles saibam a decisão e para que eles possam ver o que o outro disse. Já recebi duas posições assim sobre isso: tem gente que achou aquilo ruim porque talvez tenha percebido que o seu parecer era ruim e ficou constrangido. Já recebi também de quem achou muito legal ter recebido: assim, poxa, o outro avaliador viu coisas totalmente diferentes da que eu não vi. Geralmente as pessoas que estão mais abertas ao processo gostam. Eu, por exemplo, dou pareceres, mas nunca recebi e eu confesso que gostaria de receber.

I.J. – Até porque tu vê o produto do teu trabalho.

C.D. – Claro, e como faz parte do processo formativo, pode ser importante para o avaliador, para o editor, para o autor.

I.J. – Vocês tem um controle dos melhores pareceristas?

C. D. – Temos o livro de ouro e o livro negro. O livro de ouro é daqueles que precisou de um parecer rápido, manda pra ele que ele faz, nunca falham. E tem aqueles que a gente sabe que não respondem, vão para o livro negro.

I.J. – Como vocês selecionam os avaliadores? Buscam no Lattes?

C.D. – No sistema da revista tem lá uma lista de uns 300 avaliadores. Quando a gente conhece na hora da designação busca por palavras vem lá o nome deles. Quando tem um

artigo de uma área que eu não conheço bem eu olho no currículo Lattes para ver de fato se ele é do assunto mesmo ou está muito distante do assunto. Antigamente mandavam um convite, aí agora eu mesmo cadastro e mando, já para avaliar e eles respondem sem problemas. Talvez devesse ser uma política da revista: quando a gente tem dificuldade num parecer, as pessoas não respondem, tem dificuldade para achar alguém que domina aquele assunto, a gente pede informalmente, uma sugestão dos autores para avaliadores. Diante da necessidade é o que a gente faz. Acho que isso deve se tornar daqui pra frente uma política da revista.

I.J. – Quando há uma decisão mais difícil, como decidem?

C.D. – Geralmente a gente recorre aos outros editores, consulta na verdade, eles olham os artigos, olham os pareceres e dão uma opinião.

I.J. – Já detectaram plágio, má conduta?

C.D. – Acho que má conduta sim, não foi exatamente plágio, mas um tipo de má conduta. Já tinham publicado o artigo e o rerepresentaram, eles escreveram o mesmo resultado da pesquisa com outras palavras, alterando alguns trechos, grosso modo, o resultado era o mesmo. Ocorreu isso algumas vezes. O texto às vezes é até original, mas o resultado é o mesmo. Foi bem difícil conduzir o processo as duas ou três vezes que isso aconteceu. Antes de eu entrar na revista eles detectaram plágio mesmo, foi com o Ari, não lembro qual a situação mas [INAUDÍVEL]

I.J. – E quem detectou esse caso que tu me contou?

C.D. – Fui eu que identifiquei, antes de mandar para os revisores, estava lendo o artigo e pensei: já vi alguma coisa assim. Aí fiz uma busca na internet e vi que tinham publicado na Movimento. Aí abri o arquivo da Movimento e o artigo que eles tinham mandado e vi que eram muito parecidos. Entrei em contato com um membro do conselho editorial e pedi a opinião dele, o que ele achava, se de fato estava duplicando o resultado. Ele me recomendou, era uma pessoa muito mais experiente, era que eu chamasse a atenção dos autores e disse para que eles citassem o artigo da Movimento. E chamei a atenção para que

tivessem cuidado com isso, porque na avaliação desse membro do comitê editorial não era exatamente a mesma coisa, próximo, mas não a mesma coisa e podia complicar. Então, acabei acatando essa sugestão e chamei a atenção dos autores e recomendando aquele documento do CNPq sobre más condutas. Eles disseram que não estavam ciente desse documento e também não era a mesma coisa, então, foi uma maneira, digamos diplomática de resolver a situação.

I.J. – Não é uma coisa muito falada né?

C.D. – Não é, mas é super frequente. Até por causa dessa pressão de publicação, tem sido bem mais frequente, fazem a pesquisa, os resultados e ficam requeitando aquilo ali, fazendo render até não poder mais.

I.J. – Tem um tempo estipulado para os avaliadores responderem, mas é do conhecimento dos autores, está colocado ali quanto tempo leva para responder ?

C.D. – Até tem um prazo, mas não está colocado ali. Até vi que a RBCE coloca assim vezes: que em função do grande número nós temos demorado aproximadamente três meses. A gente talvez devesse fazer isso também, mas a gente não faz. Em geral é um tempo muito mais, os avaliadores tem um prazo de 15 dias, mas tem levado muito mais, tem demorado cinco, seis meses, porque a gente manda para vários, eles não respondem, é um drama.

I.J. – Vocês recebem mais submissões de pesquisadores de alguma universidade ou de alguma região? De Goiás publicam mais?

C.D. – De Goiás não, e quanto à instituição não saberia apontar, precisaria fazer um levantamento, mas seguramente a região sul sudeste tem mais. A gente tem uma preocupação grande e este é um dos papéis que a gente poderia cumprir é incentivar mesmo a produção de trabalhos que venham da região Centro Oeste, Norte, Nordeste. Seria um papel legal se a gente pudesse fazer, porque tem um número pequeno de programas de pós-graduação e a capacidade de pesquisa é reduzida, a tendência é que os textos sejam mais imaturos e a gente tem feito um esforço de acolher bem os artigos dessas

regiões, mas a gente tem mais concentração mesmo é sul sudeste. Se você procurar artigos da realidade de Pernambuco ou de Goiás mesmo, a gente não vai encontrar.

I.J. – E de outros países? Vocês recebem?

C.D. – Espontaneamente não. Só quando a gente pede a gente consegue.

I.J. – Essas pessoas mais chegadas à revista, os editores, os professores tem algum critério para publicar na revista?

C.D. – Olha eu já escrevi uma vez por ocasião do aniversário da revista, foi a única vez que mandei artigo para lá; acho que a Ana Márcia, também mandou essa vez e uma outra, no máximo. A gente tem uma orientação, tenho ficado perto com artigos da própria universidade, as pessoas mandam para lá e a gente recebe normalmente, mas a gente procura fazer certas ressalvas; inclusive publicamente em reunião de departamento para mandarem com moderação. Mas a gente recebe muito pouco de Goiás, publica muito pouco mesmo, poderia ser mais. Assim num ano inteiro a gente publica três, quatro, dentre sessenta artigos, nem 10%.

I.J. – Estamos no final da entrevista então fica livre para colocar algum assunto que queiras.

C.D. – Deixa eu pensar o que eu poderia dizer...Acho que as informações que queres saber para tua pesquisa a gente abordou aqui.

I.J. – É minha pesquisa é mais mesmo a gestão das revistas...

C.D. – Nesse sentido ao menos é essa a percepção que tenho que o processo na Pensar a Prática é totalmente amadora. Na realidade a gestão das revistas tem a ver com o desenvolvimento da própria comunidade acadêmica, depende do esforço individual de meia dúzia de pessoas, não existem condições pra que a revista, então isso naturalmente [INAUDÍVEL]... Em qualquer momento o editor pode dizer: “cansei, não quero mais fazer isso” e aí você fica dependendo de alguém que vá abraçar aquela causa e diz; “então está

bem, pode deixar que agora eu faço”. [TRECHO INAUDÍVEL] A empresa que a gente contratava lá em Goiás para fazer esse processo não era uma empresa especializada, tenho para mim que eles não faziam direito, não tinham condições, eles cometeram vários erros, falta de padronização das referências bibliográficas, então tudo é muito grotescamente amador. Então talvez esse seja esse o principal cenário da gestão das revistas no Brasil.

I.J. – Tu achas isso só da área da Educação Física ou das outras áreas também?

C.D. – Eu achava que nas outras áreas era diferente, mas às vezes em que eu fui nos seminários da ABEC<sup>9</sup> e falava com as outras pessoas elas tinham os mesmos problemas, talvez a área da Medicina seja um pouco diferente, mas só. Daí para frente é tudo meio assim no peito e na raça.

I.J – Então é isso, muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>9</sup> Associação Brasileira de Editores Científicos.